

Vencer a cultura da morte com o “Evangelho da Vida”

O saudoso Papa João Paulo II deixou-nos, em 1995, a Carta Encíclica “*Evangelium Vitae*” (Evangelho da Vida) em que nos ensina, cheio da sua sabedoria, que: “o ser humano deve ser respeitado e tratado como uma pessoa desde a sua concepção e, por isso, desde esse momento devem-lhe ser reconhecidos direitos da pessoa, entre os quais e primeiro de todos, o direito inviolável de cada ser inocente à Vida” (*Evangelium Vitae*, nº 60); e a vencer a cultura da morte. Naquela encíclica são-nos abordadas e respondidas algumas questões:

Que tipo de crime é o aborto?

“Dentre todos os crimes que o homem pode cometer contra a vida, o aborto provocado apresenta características que o tornam particularmente perverso e abominável” (*Evangelium Vitae*, nº 58).

Numa campanha de opinião pública sobre o aborto, qual é a posição mais humana?

“No caso de uma lei intrinsecamente injusta, como aquela que admite o aborto ou a eutanásia, nunca é lícito conformar-se com ela, nem participar numa campanha de opinião a favor de uma lei de tal natureza, nem dar-lhe a aprovação com o seu voto” (*Evangelium Vitae*, nº 73).

Quem diz sim ao aborto, que tipo de decisão está a tomar?

“Quando uma maioria parlamentar ou social decreta a legitimidade da eliminação, mesmo sob certas condições, da vida humana ainda não nascida, assume uma decisão tirânica contra o ser humano mais débil e indefeso” (*Evangelium Vitae*, nº 70).

É verdade que somos donos da nossa barriga e da própria vida!

“Matar um ser humano, no qual está presente a imagem de Deus, é pecado de particular gravidade. Só Deus é dono da Vida!” (*Evangelium Vitae*, nº 55).

Será que a liberalização do aborto é uma questão de consciência?

“A tolerância legal do aborto ou da eutanásia não pode, de modo algum, fazer apelo ao respeito pela consciência dos outros, precisamente porque a sociedade tem o direito e o dever de se defender contra os abusos que se possam verificar em nome da consciência e com o pretexto da liberdade” (*Evangelium Vitae*, nº 71).

Aprovar o aborto é sinal de liberdade?

“Reinvindicar o direito ao aborto e reconhecê-lo legalmente, equivale a atribuir à liberdade humana um significado perverso e iníquo: o significado de um poder absoluto sobre os outros e contra os outros. Mas isto é a morte da verdadeira liberdade: «Em verdade, em verdade vos digo: todo aquele que comete o pecado é escravo do pecado» (Jo 8,34)” (*Evangelium Vitae*, nº 20).

“Quando a lei, votada segundo as chamadas regras democráticas, permite o aborto, o ideal democrático, que só é tal verdadeiramente quando reconhece e tutela a dignidade de toda a pessoa humana, é atraído nas suas próprias bases: Como é possível falar ainda de dignidade de toda a pessoa humana, quando se permite matar a mais débil e a mais inocente? Em nome de qual justiça se realiza a mais injusta das discriminações entre as pessoas, declarando algumas dignas de ser defendidas, enquanto a outras esta dignidade é negada? Deste modo e para descrédito das suas regras, a democracia caminha pela estrada de um substancial totalitarismo. O Estado deixa de ser a «casa comum», onde todos podem viver segundo princípios de substancial igualdade, e transforma-se num Estado tirano, que presume poder dispor

da vida dos mais débeis e indefesos, como a criança ainda não nascida, em nome de uma utilidade pública que, na realidade, não é senão o interesse de alguns” (*Evangelium Vitae*, nº 20).

Relembramos ainda que o Papa João Paulo II concedeu também uma bênção apostólica especial aos católicos que rezem, todos os dias ou tão frequentemente quanto lhes for possível devido às circunstâncias da sua vida, o Terço da Misericórdia “pela vida”. Concretamente foi em Março de 2003 que o Santo Padre concedeu uma “superabundância de graças divinas” a quem reze o referido Terço com as seguintes intenções: **“Para afastar o castigo divino; pelas mães, para que não abortem a sua descendência; pelas crianças em perigo de serem mortas no ventre materno; por uma mudança de coração dos executores dos abortos e dos seus colaboradores; pelas vítimas humanas da pesquisa das células do tronco; manipulação genética; clonagem e eutanásia; e por todos os governantes dos povos, para que promovam a cultura da vida para exterminar a cultura da morte”**.

João Paulo alertou-nos ainda: “A rejeição da Vida do homem, nas suas diversas formas, é realmente uma rejeição de Cristo” (João Paulo II, *Evangelium Vitae*, nº 104); “Encontramo-nos perante um confronto rude e dramático entre o mal e o bem, entre a morte e a vida, entre a “cultura de morte” e a “cultura de vida”. Não nos encontramos somente “perante”, mas inevitavelmente “no meio” deste conflito: estamos todos activamente implicados, e não podemos iludir a nossa responsabilidade de fazer uma escolha incondicional em favor da Vida” (*Evangelium Vitae*, nº 28). E em 13 de Maio de 1982 fez a seguinte consagração a Nossa Senhora de Fátima: “Oh, Coração Imaculado! Ajudai-nos a vencer a ameaça do mal que tão facilmente se enraíza nos corações dos homens de hoje e que, nos seus efeitos incomensuráveis, pesa já sobre a nossa época e parece fechar os caminhos do futuro! Dos pecados contra a vida do homem desde os seus primeiros instantes, livrai-nos!”.

Obrigado João Paulo II. Intercede por nós.

Aborto, simplesmente Não.

João Silva Dias